O ESTIGMA SOBRE O SUFIXO "ISMO": "HOMOSSEXUALISMO" ONDE ESTÁ A LGBTFOBIA?

EL ESTIGMA DEL SUFIJO "ISMO": "HOMOSSEXUALISMO" ¿DONDE ESTA LA LGBTFOBIA?

Jean Carlo de Carvalho [1]

Resumo: este artigo tem como objetivo discutir o estigma existente sobre o sufixo "ismo" quando presente na palavra "homossexualismo", especificamente na língua portuguesa. Por meio de uma revisão bibliográfica narrativa, buscou-se apresentar algumas perspectivas acerca do estigma existente sobre o sufixo "ismo", quando presente na palavra "homossexualismo", em contraposição as afirmações imprecisas sobre a temática. Foi encontrado que a homossexualidade ao longo da história foi alvo de inúmeros ataques, iniciados pelos discursos religiosos – em que as relações entre pessoas do mesmo sexo eram vistas como pecaminosas – e sucederam no discurso científico quando as relações homoafetivas começaram a ser pautadas como patologia. Desta maneira, há por parte da comunidade LGBTQIA+ uma constante busca por um termo representativo que fuja do discurso medicalizante e coloque as relações homoafetivas como componentes da sexualidade humana. Embora desde a década de 1990 não haja consenso sobre a expressão mais adequada, todos os autores discutidos no artigo impugnaram o uso do sobredito termo "homossexualismo" por afirmarem ser discriminatório. Conclui-se, portanto, que apesar de etimologicamente a terminação "ismo" não pender unicamente para o lado discriminatório, usá-la na palavra "homossexualismo" tendo em mente a historicidade por trás da palavra, levando-se em consideração a luta vivida pela comunidade LGBTQIA+ para fugir do discurso médico e patológico, se faz deveras insultuoso.
Palavras-chave: sufixo; homossexualismo; LGBTQIA+; etimologicamente.

Resumen: este artículo tiene como objetivo discutir el estigma existente sobre el sufijo "ismo" cuando está presente en la palabra "homosexualismo", específicamente en lengua portuguesa. A través de una revisión bibliográfica narrativa, buscamos presentar algunas perspectivas sobre el estigma existente sobre el sufijo "ismo", cuando está presente en la palabra "homosexualismo", en oposición a enunciados imprecisos sobre el tema. Se constató que la homosexualidad a lo largo de la historia ha sido blanco de numerosos ataques, iniciados por los discursos religiosos -en los que las relaciones entre personas del mismo sexo eran vistas como pecaminosas- y triunfaron en el discurso científico cuando las relaciones homoafectivas comenzaron a orientarse como una patología. De esta forma, la comunidad LGBTQIA+ está en constante búsqueda de un término representativo que escape del discurso medicalizante y sitúe las relaciones homoafectivas como componentes de la sexualidad humana. Si bien desde la década de 1990 no ha habido consenso sobre la expresión más adecuada, todos los autores discutidos en el artículo cuestionaron el uso del término "homosexualidad" antes mencionado, ya que afirmaron que es discriminatorio. Se concluye, por tanto, que si bien etimológicamente la terminación "ismo" no se inclina únicamente hacia el lado discriminatorio, utilizándola en la palabra "homosexualismo" teniendo en cuenta la historicidad detrás de la palabra, teniendo en cuenta la lucha que vive la comunidad LGBTQIA+ para escapar del discurso médico y patológico, se vuelve realmente insultante.
Palabras-clave: sufijo; homosexualismo; LGBTQIA+; etimológicamente.

1 INTRODUÇÃO

Não recentemente tem-se observado que há significativa reprovação quanto ao uso do termo "homossexualismo" para se referir aos integrantes da comunidade LGBTQIA+ [2] e suas vivências, sendo muito habitual ouvir-se a expressão, que é hoje considerada por militantes e estudiosos das pautas que envolvem este segmento populacional como

[1] Graduado em Ciências Sociais, Professor de Sociologia para os anos finais do ensino médio; Graduando do curso de Letras Português.

[2] LGBTQIA+: "sigla que designa lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transexuais, travestis, *queer*,

extremamente pejorativa.

No ano de 1973, a *American Phychology Association* (APA) retirou o termo "homossexualismo" da lista de distúrbios mentais nos Estados Unidos – embora o termo só tenha sido extinto da Classificação Internacional de doenças no ano de 1985. No Brasil, apesar da Constituição Federal de 1988 abarcar uma grande gama de direitos sociais de todos os segmentos populacionais, só foi adotada essa mudança efetivamente no ano de 1993, ano em que os países signatários das Nações Unidas vieram a ratificar as recomendações da Assembleia Mundial de Saúde, realizada em maio de 1990, o que remeteria a sobredita expressão "homossexualismo" a doença, dado o contexto histórico que foi atribuído a ela, e substituindo-a por outros vocábulos que seriam, segundo estudiosos, mais eximidos.

Nesse contexto, o presente artigo[3] discute sobre o estigma existente acerca do sufixo "ismo", quando presente na palavra "homossexualismo", especificamente na língua portuguesa. Buscou-se contrapor as afirmativas sobre a temática partindo-se da hipótese de que o termo "homossexualismo" é ultrajante para a comunidade LGBTQIA+.

De forma a tencionar sobre a motivação de tanta reprovação quanto ao uso do termo "homossexualismo", o estudo de caráter exploratório e qualitativo utilizou-se de revisão bibliográfica narrativa, discutindo a literatura disponível em meio digital[4] - através de artigos publicados em periódicos, livros, teses de mestrado e de doutorado disponíveis em bibliotecas digitais de universidades que disponibilizam seu acervo para o público, dentre outros.

O arcabouço teórico foi discutido de modo a elucidar a existência ou não de violência simbólica[5] no termo "homossexualismo", uma vez que ao tratá-las unicamente como sentenças insultuosas, observa-se que os responsáveis pela impugnação ao uso destas são, muitas vezes, tidos por outrem como impertinentes, inconvenientes e/ou exagerados, mesmo dentro de espaços em que há busca pela promoção da igualdade e discussão da temática.

De forma complementar, explana-se sobre as origens da palavra "Homofobia" e suas

intersexuais, assexuais e demais identidades de gênero e orientação sexual" (COSTA, 2022, p. 170). A sigla em questão, foi escolhida frente a outras siglas, como exemplo "LGBTI+", por uma questão estratégica, uma vez que de acordo com a perspectiva do autor, é mais popular entre pessoas que não participam de debates acadêmicos sobre os assuntos aqui propostos.

[3] A discussão presente neste artigo foi iniciada originalmente no TCC de Ciências Sociais realizado pelo autor no ano de 2018, para a Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, intitulado "Professores LGBT e à docência: principais dificuldades encontradas por docentes LGBT no âmbito escolar". Recentemente, a discussão foi retomada e aprofundada em uma pesquisa feita para o TCC do curso de Letras – Português, do Centro Universitário Internacional – UNINTER.

[4] Não foram utilizadas técnicas sistemáticas de busca e análise bibliográfica. A pesquisa bibliográfica realizada foi do tipo narrativa, isto é, "convencional", tendo como base o conhecimento prévio do autor e a seleção arbitrária de textos, exclusivamente, para seleção e discussão dos textos.

[5] A noção de "Violência simbólica" aqui sugerida, é a criada por Pierre Bourdieu (1968), que nos apresenta a "uma forma de poder invisível, naturalizado e difundido a partir do compartilhamento, em larga escala, de sistemas de classificação e ordenamento do social, responsável não apenas por sustentar a ordem vigente, mas, sobretudo, contar com a cumplicidade involuntária mesmo daqueles por ela prejudicados [...] ganhando os contornos de uma oposição à violência real e visível" (MARTINO; MARQUES, 2022, p. 38).

variantes, dado que a violência simbólica referida acima é aqui tratada por LGBTFobia, sendo deveras oportuno trazer para a discussão ambos os termos, uma vez que são vocábulos etimologicamente próximos.

O artigo está estruturado em seções, nas quais serão tratados os seguintes temas: a) As palavras homossexualidade/homossexualismo e suas origens; b) A etimologia do "ismo"; c) homofobia e suas variantes; d) Considerações finais.

O artigo justifica-se por deparar-se com a urgência de haver obliteração da naturalização de termos que podem ser usados para rebaixar segmentos sociais, trazendo, contudo, explicações de forma fundamentada de acordo com o contexto sócio histórico e a etimologia de tais expressões, fugindo desta maneira de explicações superficiais e vazias sobre os motivos que as colocariam categoricamente como "violências simbólicas" frente aos grupos minoritários. Cabe destacar que não há pretensão neste artigo de esgotar o multifacetado tema, mas, sim, de contribuir para extirpar toda e qualquer expressão de discriminação.

2 AS PALAVRAS HOMOSSEXUALIDADE/HOMOSSEXUALISMO E SUAS ORIGENS

Ao longo da história, com base na moral sexual de determinada sociedade, as relações sexuais entre indivíduos do mesmo sexo receberam diversas denominações, sendo até o século XIX adotado o termo latino Sodomia (PRESTES; VIANNA, 2007). O termo tem sua origem na Bíblia, mais especificamente no antigo testamento, no Livro de Gênesis, que faz referência as cidades de Sodoma e Gomorra, que teriam sido destruídas por juízo divino através de fogo e enxofre. "No relato do Génesis, lemos que Abraão se fixou na terra de Canaã enquanto o sobrinho, Lot, permaneceu nas terras de Sodoma, cujos habitantes são identificados como 'perversos e grandes pecadores" (RODRIGUES, 2012, p. 263).

Segundo os relatos bíblicos, os sodomitas eram praticantes de atos sexuais contra a natureza humana, sendo considerado sodomia "todo e qualquer ato sexual que não tivesse como fim a procriação, sendo um pecado frente a Deus" (PRESTES; VIANNA, 2007, p. 317). Verifica-se, assim, que a perversidade a qual alude a história narrada faz referência ao sugerido desejo dos sodomitas de "conhecer a homossexualidade", quando teriam supostamente pretendido atentar sexualmente contra os "Anjos do Senhor", que segundo descrição bíblica, foram hospedados por Lot. Este fato justificaria "o castigo de Sodoma e a condenação judaica das relações sexuais entre homens" (VAINFAS *apud* PRESTES; VIANNA, 2007, p. 316).

Com base nisso, até meados do século XIX a "sodomia" era tida como um pecado contra a moral divina e um crime de Estado, configurando-se como "pecado-crime". Era comum, por intermédio da Igreja e do Estado, em toda Europa neste período, aplicações de penas que variaram historicamente, de multas até as mais inimagináveis e sádicas punições, dentre as quais estava incluída a morte (TREVISAN, 2018).

Todavia, tal qual explanam Prestes e Vianna (2007), durante o suceder do século XIX a sodomia passou por um processo de "descriminalização", o que não significou que as questões relativas a relações homossexuais seriam consideradas como normais. Influenciada pelos ideais positivistas, a ciência passa paulatinamente a substituir a fé, e a burguesia começa a desenvolver o que Foucault (1976)[6] chamou de "*scientia sexualis*", tomado na época por "verdade sobre o sexo", e elegeria a heterossexualidade como "a única sexualidade útil e que deve possuir um funcionamento ótimo para o bem da sociedade como um todo" (PRESTES; VIANNA, 2007, p. 318).

Deste modo, as relações entre pessoas de mesmo sexo, que durante séculos foram caracterizadas por perversão sexual, passaram a ser vistas como patologias e estudadas como categoria especial da sexualidade humana. Dessarte, o vocábulo sodomia saiu de uso e as alcunhas usadas para se referir a relações homoeróticas variaram muito, até que surgisse o que entendemos hoje por homossexualidade (PRESTES; VIANNA, 2007). No que dizia respeito a homens *gays*, denominações como pederasta (de "pederastia" do grego clássico, significa amor-de-menino) e uranista foram as mais utilizadas. Quanto as relações sexuais entre mulheres, tornou-se comum entre a comunidade cientifica científica o uso de palavras como saphica, lésbica e tríbade (PRESTES; VIANNA, 2007).

É em meio a este contexto de definição de uma expressão única que pudesse caracterizar as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo biológico que a palavra "homossexual" foi escrita pela primeira vez pelo jornalista e militante de direitos humanos austro-húngaro, Karl Maria Kertbeny (1868)[7], em um panfleto. Porém, como é elucidado por Luiz Antônio Andrade (2016), é apenas em 1870 que a expressão é alcunhada pela primeira vez em termos científicos pelo psiquiatra Carl Westphal, proposta pelo médico para designar "um desvio sexual, uma inversão do masculino e do feminino" (ANDRADE, 2016, p. 9). Alain Giami, em seu artigo *A medicalização da sexualidade* discorre:

> Tem-se, portanto, um primeiro momento durante o qual a homossexualidade começa a ser considerada como uma dimensão 'natural' e fundada sobre a defasagem e a inadequação entre o invólucro corporal e o espírito. Assim, os primeiros sexólogos tentam fazer sair a homossexualidade da categoria jurídica de 'contra a natureza', ressituando-a medicamente na ordem de uma variedade aceitável da natureza. Essa primeira forma de medicalização das perversões visa a subtrair um conjunto de condutas relativamente díspares, como a necrofilia e a homossexualidade, da influência da justiça penal, nelas 'encontrando' em certa medida uma determinação patológica (GIAMI, 2005, p. 274).

[6] O livro que Michel Foucault traz o conceito de "Scientia Sexualis" é "A História da Sexualidade I: A vontade de Saber", publicado originalmente na França em 1976. Neste artigo a versão utilizada, foi a 22ª edição traduzida da editora Graal, de 2012.

[7] Não há versões traduzidas e transcritas digitalmente do texto original, contudo a "Biblioteca Nacional Húngara possui o manuscrito de Kertbeny escrito em alemão, em 1868, no qual aparecem impressos pela primeira vez os termos homossexual, heterossexual e monosexual" (SANTOS, 2009, p. 25).

Assim, a homossexualidade sai do discurso político-religioso, envolto pela moral cristã, e entra oficialmente para o discurso médico como um hipotético desvio psíquico ou biológico, constituindo os estudos da psiquiatria, psicologia e medicina. Diante disso, não demorou para que a recém-criada sentença "homossexual" passasse a caracterizar os portadores de uma pressuposta doença da pulsão sexual, o "homossexualismo".

Embasando-se nas teorias de Benedict A. Morel (1857) sobre a degenerescência[8], em que há o princípio da transmissibilidade de tara, chamada "hereditária", que entre o passar dos séculos XIX e XX se buscou, através da ciência, uma cura para condutas homoafetivas. Diligenciou-se, assim, "as origens genéticas da homossexualidade por considerá-la no mínimo um fato de exceção, como bicho de zoológico, ou próximo à anomalia, como um rato induzido em laboratório" (TREVISAN, 2018, p. 31). Desta forma, a heterossexualidade, como ponto de vista dominante, se colocava como referencial e tentava alcançar uma origem para o que seria visto como um desvio de normalidade, passível de cura. Assim, o discurso científico hierarquizava as sexualidades e colocava a homossexualidade como uma doença degenerativa da sociedade que deveria ser combatida pelo estado e pela ciência, pois, colocava em risco a espécie humana.

Verifica-se, ainda, que a tentação equívoca dos próprios homossexuais em aceitar a existência de uma suposta "vocação genética" para a homossexualidade, "julgando que assim ficaria por definitivo afastada a possibilidade de condenar algo que seria natural e não escolha" (TREVISAN, 2018, p. 31), foi o que fez com que na segunda metade do século XIX o militante "uranista" supracitado criasse o termo "homossexual" e, como fruto disso, o vocábulo "Homossexualismo", buscando legitimar, como é colocado por Trevisan (2018), o discurso acima, e redimindo de culpa aqueles que seriam vocacionados pela genética a serem homossexuais. Isso de fato deu início a um novo capítulo na história da homossexualidade, que conta com a mudança de postura da ciência frente a esta questão, passando a ver o homoerotismo com curiosidade. Contudo, deve-se enfatizar que esta proposta demasiadamente ingênua seguiu apenas com lados negativos na história para pessoas LGBTQIA+.

Ainda acordo com Trevisan (2018), na primeira metade do século XX, legitimados pelas teorias eugênicas de que os homossexuais eram patógenos anormais, tal como os esquizofrênicos, os nazistas determinaram que estes fossem eliminados como sequela terminante para uma boa saúde social. Isso fez com que estes sugerissem práticas de aborto frente a afirmação de haver a possibilidade de identificar fetos homossexuais. Coexistindo ademais, a ideia de manipulação genética para que se pudesse evitar o nascimento de um bebê com práticas sexuais desviantes. Fato histórico vindo de ideais nazistas faz com que a

[8] "Teoria, elaborada na França, em meados do seculo XIX, pelos alienistas, em especial por B.-A. Morel (Traite des degenerescences physiques, intellectuelles et morales de l'espece humaine, Paris, 1857; Traite des maladies mentales, Paris, 1870), por V. Magnan (Leçons cliniques sur les maladies mentales, Paris, 1893) e por M. Legrain & V. Magnan (Les degeneres, eta mental et syndromes episodiques, Paris, 1895)" (FOUCAULT, 1999, p. 301).

sociedade abomine tal corrente ideológica e que se permita acreditar que a humanidade já superou isso de forma a tornar as ocorrências menos significativas para o cotidiano. Porém, isso se torna mais assustador ao trazer-se para a atualidade tais discursos como ingênuos estudos, por exemplo no caso de 2016, em que estudantes da Universidade da Califórnia, afirmaram "poder predizer se alguém seria homossexual ou heterossexual com até 70% de precisão, desdobrando a mesma ideia de exame do dna" (TREVISAN, 2018, p. 32), o que evoca a necessidade de se discutir este tópico, para que os discursos medicalizantes, clínicos e genéticos, jamais sejam mais pautados como uma hipótese científica para explicar a sexualidade humana.

Isto posto, alude-se ao fato de que no ano de 1973, os "Estados Unidos retirou a palavra 'homossexualismo' da lista de distúrbios mentais da *American Phychology Association* (APA), passando a ser usado o termo 'homossexualidade'" (ABGLT, 2009, p. 11) evocando-se aqui que foi a partir disso que se iniciou a questão referente a rejeição do sufixo "ismo". No Brasil, a homossexualidade foi retirada do código, 302.0, referente a desvios e transtornos sexuais da Classificação Internacional de doenças em 1985. Em maio de 1990, a Assembleia Mundial da Saúde, retirou o código 302.0 da Classificação Internacional de doenças da Organização Mundial da Saúde, sendo que a nova classificação entrou em vigor entre os países membros das Nações Unidas em janeiro 1993. E como ainda é colocado no "Manual de Comunicação LGBT" da Associação Brasileira de LGBT's:

> Em 1999, o Conselho Federal de Psicologia formulou a Resolução 001/99, considerando que 'a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão', que 'há, na sociedade, uma inquietação em torno das práticas sexuais desviantes da norma estabelecida sócio culturalmente' (qual seja, a heterossexualidade), e, especialmente, que 'a Psicologia pode e deve contribuir com seu conhecimento para o esclarecimento sobre as questões da sexualidade, permitindo a superação de preconceitos e discriminações'. Assim, tanto no Brasil como em outros países, cientificamente, homossexualidade não é considerada doença (ABGLT, 2009, p. 11).

Remetendo o sufixo "ismo" a doença, dado o contexto histórico que foi atribuído ao termo que permeou as décadas até chegar na atualidade. Assim, o vocábulo foi substituído por homossexualidade, mesmo que ainda sobre essa expressão hajam muitos dilemas a serem discutidos.

Segundo Butler (2003), desde 1990 os estudos de gênero e a teoria *Queer* [9] se preocuparam em conceituar termos como homossexual, *gay*, homoafetivo, homossexualismo, homossexualidade, homoerotismo e homoafetividade. A própria teoria

[9] "A palavra *queer*, cujo sentido original era bizarro, excêntrico, estranho, passou a designar depreciativamente os homossexuais a partir do século XIX. Nos anos 1980, porém, a palavra foi reivindicada pelos grupos LGBT num processo de ressignificação em que se tornou valorativa. Com essa transformação de sentido, o termo começou a ser usado no sintagma "teoria *queer*", inicialmente pela feminista italiana Teresa de Lauretis" (SAFATLE *apud* FIGUEIREDO, 2018, p. 4).

Queer questiona a construção de uma identidade única e trata a homossexualidade e heterossexualidade como categorias de conhecimento e como status social e identitário" (SANTOS, 2008, p. 23).

Taques (2007) afirma que os termos homossexual, homoerótico e *Gay* são palavras que podem ser utilizadas para se referir aos sujeitos do mesmo sexo que se relacionam sexualmente, não implicando em nomenclaturas pejorativas. Enquanto o antropólogo Luiz Mott (1996), defende a permanência dos termos *gay* e homossexual, evocando a historicidade presente nos vocábulos que aludem a luta dos movimentos LGBTQIA+ a partir dos anos 70 e 80. O termo "homossexual", além disso, serviria como "guarda-chuva" para abranger todo o leque de "homossexualidades", todavia, sendo necessário trazer-se à tona a ideia de que muitos sujeitos homoeróticos não se consideram homossexuais, não sendo prudente utilizá-lo (TAQUES, 2007).

O termo *Gay* ainda é citado por Santos (2008), como o mais usado entre homens homossexuais, e de acordo com Silva (2001) teria surgido após o incidente de Stonewall, em Nova York, no dia 28 de junho de 1969, para fugir do cunho médico que a expressão homossexual carregaria. Concordando-se com Santos (2008) de que na atualidade a palavra homossexualidade se mostra mais politicamente correta, fundado no fato de que se trata de uma condição humana, sendo mais dinâmica e ampla que seu sinônimo "homossexualismo", por se tratar de um termo menos discriminatório e mais eximido. Tal como declara o supramencionado autor em referência aos vocábulos homossexualismo e homossexualidade respectivamente:

> O primeiro concebia uma doença, e o segundo é menos discriminatório, porque não é mais considerada como uma doença, todavia, homossexualidade ainda atenuava a ideia que há uma identidade, algo que caracterizasse as pessoas que praticam relações afetivas e sexuais com pessoas do mesmo sexo (SANTOS, 2008, p. 25).

Para Costa (1992), o uso da sentença homoerotismo seria a que mais se enquadraria na tentativa da comunidade LGBTQIA+ de desconstruir qualquer visão que possa se ter sobre patologia ou anomalia frente às relações homoafetivas. Para o autor, tanto homossexualismo quanto homossexualidade relacionam-se a patologia degenerativa, desvio ou crime, pressupondo uma essência, uma marca latente a todas e todos da qual orientação sexual tende ao amor entre pessoas do mesmo sexo biológico e afirmando que os termos possuem uma forma substantiva indicativa de identidade. Santos (2008) discorre que:

> O conceito de homoerotismo pode ser a descrição plural das práticas ou dos desejos dos homens e mulheres que têm uma orientação sexual por pessoas do mesmo sexo. A conceituação afasta-se da premissa de que a orientação sexual de um sujeito possa ser um desvio, degeneração, anomalia, doença ou mesmo um conjunto de comportamento pré-determinado pela sociedade. A construção do homoerotismo abre ao sujeito homoerótico a possibilidade de sentir os mais variados desejos ou relações físicas de aspecto erótico por indivíduos do mesmo sexo biológico, não estando ligado com práticas pré-determinadas, mas sim com múltiplas subjetividades que a própria homossexualidade pode ter [...] (SANTOS, 2008, p. 25).

Oliveira (2006) dispõe o fato de entender as motivações que levaram Costa (1992) a fazer uso do termo "homoerotismo", concordando com os pontos de que se deve evitar alusões aos discursos medicalizantes que aludem a doenças, porém, ressalta que a sentença usada por Costa (1992), remeteria a concepção pré-existente de que *gays* são promíscuos sexualmente, problematizando o uso da palavra "erotismo" que teria relação apenas com o desejo sem levar em conta a afetividade das pessoas. Assim a autora afirma que prefere "adotar os termos homoafetivo e homoafetividade, pois, abarcam a prática sexual e o afeto entre as pessoas, sem fazer quaisquer referências a doenças, substâncias orgânicas ou psíquicas" (OLIVEIRA, 2006, p. 22).

Observa-se, portanto, que desde a década de 1970, há por parte da comunidade LGBTQIA+ um movimento de busca por termos que visam desassociar a homossexualidade do discurso médico e biologicista surgidos no século XIX, e que tratem as relações homossexuais como um dos estados da sexualidade humana tal como a heterossexualidade.

2.1 A ETIMOLOGIA DO "ISMO": AONDE ESTÁ A LGBTFOBIA?

Vanderlei Gianastacio (2008) afirma que o *-ismo* teria sua origem no grego, no sufixo *-ismós*, sendo-se que na língua grega não era formado um sufixo e sim uma terminação *-mós*, que era usada para estruturar substantivos de ação a partir de verbos. Assim, segundo o linguista, o sufixo que teve origem no grego teria passado para o latim através dos autores cristãos, sobrevivendo na Língua latina como *–ismus*. Segundo Gianastacio (2008), no latim o *ismo* sequer era um sufixo, sendo mais provável que ele:

> (...) tenha surgido no latim por meio de palavras transliteradas do grego que terminavam em - μ ό ς (mós), e como eram substantivos de ação, então terminavam em ι σ μ ο ς (ismós), como é o caso de Baptismos (β α π τ ι σ μ ο ς) (GIANASTÁCIO, 2008, p. 5).

(...), compreendendo que o -ó (ômicron) no -mós, substituído por -u no latim -ismus é uma alteração vocálica. Posteriormente, a desinência teria passado para o português como

-ismo, sendo intensamente divulgada com o surgimento da imprensa.

Com isso, há na história da língua portuguesa registro e ausência do sufixo nas mais diversas gramáticas.

> A partir do século XVII, já é possível encontrar um aumento significante na produção de vocábulos com o sufixo -ismo. Com menos de dez mil verbetes no século XVIII, percebe-se um crescimento para mais de trinta mil vocábulos no século XIX (GIANASTÁCIO, 2008, p. 6).

De acordo com Houaiss (2001 *apud* GIANASTÁCIO, 2008), no português o termo teria sido usado pela primeira vez em medicina, caracterizando uma intoxicação por agente obviamente tóxico, tal como os termos: absentismo, alcoolismo, etc. Com o despertar da ciência e das demais áreas do saber, a terminação contribuiu grandemente para a criação de novas palavras que designavam "movimentos sociais, ideológicos, políticos, opinativos, religiosos e personativos" (HOUAISS, 2001 *apud* GINASTACIO, 2008, p. 7). Assim, discorre-se ao fato de o sufixo ter "classes relacionais" que seriam referentes a: tipicidade, semelhança, atividade, quantidade, doença e filiação. Segundo o linguista:

> [...] os significados de formação de palavra relacionados à tipicidade, observando as paráfrases 'que é característico a X'. À semelhança, com a paráfrase 'que tem propriedade de X'; à atividade com a paráfrase 'sistema, ideologia, ou filosofia associado a X'; à quantidade, com a paráfrase 'coletivo de X'; à doença, com a paráfrase 'associada a X'; e à filiação com as paráfrases 'que é adepto de X', 'que é simpatizante de X', "que é partidário de X', 'que crê e se descreve V' (GIANASTÁCIO, 2009, p. 72).

Destaca-se, aqui, as classes relacionais que seriam respectivamente relativas a "atividade, doença e a filiação", pois, ao se debater sobre palavras pertencentes a essas três classes, numa visão social contemporânea, pode-se apresentar divergências quanto ao encaixe exato do vocábulo "homossexualismo", uma vez que pode valer-se de qualquer uma das três de acordo com a apresentação de tais classes gramaticais, invalidando em parte a ideia de que a palavra teria a intenção única de ofender, ou ser preconceituosa quando analisada de acordo com a menção ao sufixo supracitado. Porém, ao se recorrer, por exemplo, ao uso do sufixo com a classe atividade, depara-se com palavras que se atentariam a correntes filosóficas ou ideológicas, tais como cristianismo, vanguardismo, sindicalismo, marxismo, etc. - sendo estas palavras cotidianamente usadas, que possuem o -ismo como sufixo e sendo muito bem aceitas. Todavia, como é elucidado por Miskolci e Campana (2017), existem na atualidade vários grupos - religiosos e laicos - que tentam

fazer com que os movimentos de militância LGBTQIA+ sejam vistos como "ideológicos", abordando principalmente o termo "ideologia de gênero", de modo a desmerecer os movimentos sobreditos e colocar a sexualidade como algo que pode ser propagado de forma proselitista, não condizendo com a realidade, expondo-se mais um motivo pelo qual usar o termo "homossexualismo" é indevido.

Com isso, restaria, para refutar a ideia de politicamente incorreto do termo, apenas a classe relacional referente a filiação, se fazendo pensar que nessa classe o sufixo é constantemente utilizado em palavras como peronismo, varguismo, celtismo, bonapartismo, etc. Aqui, recorre-se ao mesmo fato observado no que diz respeito a questão da classe de atividade, pois ao usarmos a palavra nesse sentido colocaríamos o termo como algo partidário, ou relacionado a política, que pode ser selecionado, batendo novamente na tecla da sórdida "ideologia de gênero".

Fazendo alusão as afirmações de Gianastácio (2008), o que é "adepto a X", procederia como uma afirmação de 'opção' pela homossexualidade, estabelecendo-se aqui que "tanto pesquisadores/as como os próprios Movimentos LGBTQIA acreditam que seja contraproducente pensar a opção sexual como sendo algo legítimo" (DE OLIVEIRA JUNIOR; MAIO, 2013, p. 5). "Simpatizante de X" se relacionaria diretamente com o que, segundo Michael Schulman (2013), a comunidade LGBTQIA+ conhece atualmente por "aliados", destacando-se que simpatizar com a causa não significaria ser necessariamente homossexual. E, por fim, como a homossexualidade não é um partido, não faria sentido justificar o uso do termo neste caso. Logo, como um Ouroboros, volta-se para o início, uma vez que ao lidar com o vocábulo justificando "o que crê e se descreve como X", tratar-se-ia a homossexualidade como uma escolha, crença ou percepção individual sobre si mesmo.

Moura (2018) reflete de acordo com a gramática de Celso Cunha e Lindley Cintra (2007), constatando que o sufixo -idade pode formar novas palavras, sendo substantivos que expressam estado, situação, quantidade ou modo de ser. Desta forma, homossexualidade expressaria modo de ser, não sendo percebido diante da linguística com negatividade. Com isso, de acordo com o autor, "pensar na palavra homossexualismo e coloca-la em análise, é pensa-la enquanto texto que possibilita diversas interpretações pelos sujeitos" (MOURA, 2018, p. 103), considerando que havendo várias interpretações para tal palavra, deve-se pensar em como os sentidos estão em disputa na sociedade vigente. O autor discorre que:

> Essa censura, ou a patrulha do politicamente correto, no caso da palavra homossexualismo, se faz presente porque junto ao uso da palavra está por trás um discurso homofóbico. Não à toa, líderes religiosos que não concordam com a prática homossexual denominam como homossexualismo (MOURA, 2018, p. 107).

Fazendo-se refletir que, entre as pessoas que impugnam o uso do termo homossexualismo e as pessoas que usam o termo propositalmente de forma pejorativa, há uma disputa de poder: de um lado, a ideia de acentuar a história da sexualidade, que um dia, foi tratada pelo discurso médico e psiquiátrico como uma patologia através da palavra "homossexualismo"; do outro, as pessoas que usam indiscriminadamente este termo, fazendo-nos ponderar sobre o sentido pelo qual a palavra é realmente usada, deduzindo que os próprios "agentes antagônicos" da comunidade LGBTQIA+ presumem os sentidos da palavra antes de usa-la, realçando a violência simbólica de seus discursos, o que tornaria válida a luta da comunidade homossexual contra esse estigma criado sobre a palavra.

Com isso, crê-se aqui, no fato de que usar o termo homossexualidade ao invés de homossexualismo teria apenas a função de atenuar o preconceito existente, entendendo que em nível simbólico, seja um caminho rápido a ser seguido, mas que de modo algum se deve crer que com isso o preconceito finde, sendo necessárias lutas em diversos âmbitos para que isso suceda. Contudo, acordando o histórico de luta da comunidade LGBTQIA+, vemos que cada conquista foi feita a lentos passos e que o simbolismo em cada ato que remete a este seguimento populacional se faz presente na história da homossexualidade, seja no discurso religioso ou no científico, reconhecendo que a linguagem tem o poder de construir ideais e propagar discursos negativos, se fazendo necessária a desconstrução de cada menção que possa ser usada como violência simbólica contra grupos minoritários que já sofrem das mais diferentes maneiras em nossa sociedade, pois assim, talvez haja com isso, possibilidade de através da própria linguagem, levar para os indivíduos discursos que pautem diversidade e uma sociedade mais igualitária.

2.2 HOMOFOBIA E SUAS VARIANTES

Declarada a origem semântica e sócio história da homossexualidade, discorre-se aqui a origem do termo que faz referência ao preconceito que se volta a comunidade LGBTQIA+, percebendo que por mais que seja uma dissidência da palavra homossexual, ele veio décadas depois, visando explicar através do discurso médico os motivos pelos quais os indivíduos abominam as práticas homossexuais. De acordo com Borrillo (2010), o termo homofobia teria sido utilizado pela primeira vez em 1971 por Kanneth T. Smith, quando publicado em um artigo que visava analisar traços de personalidades homofóbicas. Borrillo (2010), afirma que a expressão "homofobia" só viria a compor os dicionários europeus (mais especificamente de língua francesa) no ano de 1998, sendo que nos anos anteriores o termo era totalmente ignorado, inclusive pelos "léxicos especializados".

Junqueira (2009) afirma que a expressão "homofobia" seria um neologismo criado pelo psicólogo norte americano George Weinberg (1972), agrupando dois radicais gregos – ομος (semelhante) e φόβος (medo), na tentativa de definir sentimentos negativos em

relação aos homossexuais e a homossexualidade. Weinberg utilizou definições específica e unicamente clínicas, afirmando que a homofobia seria "o receio de estar com um homossexual em um espaço fechado e, relativamente aos próprios homossexuais, o ódio por si mesmo" (WEINBERG *apud* BORRILLO, 2010, p. 21). Ao longo do tempo, procurou-se ressignificar este termo, buscando-se principalmente fugir do discurso clínico, mesmo que ainda possua "fortes traços do discurso clínico e medicalizante que lhe deu origem" (JUNQUEIRA, 2009, p. 4). Daniel Borrillo, em seu livro "A homofobia" aponta:

> A homofobia é a atitude de hostilidade contra as/os homossexuais; portanto, homens ou mulheres. Segundo parece, o termo foi utilizado pela primeira vez nos EUA, em 1971; no entanto, ele apareceu nos dicionários de língua francesa somente no final da década de 1990: para Le Nouveau Petit Robert, 'homofóbico' é aquele que experimenta aversão pelos homossexuais; l por sua vez, em Le Petit Larousse, a 'homofobia' é a rejeição da homossexualidade, a hostilidade sistemática contra os homossexuais.2 Mesmo que seu componente primordial seja, efetivamente, a rejeição irracional e, até mesmo, o ódio em relação a *gays* e lésbicas, a homofobia não pode ser reduzida a esse aspecto. Do mesmo modo que a xenofobia, o racismo ou o antissemitismo, a homofobia é uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal; por sua diferença irredutível, ele é posicionado a distância, fora do universo comum dos humanos (BORRILLO, 2010, p. 13).

A expressão homofobia, de acordo com os dicionários de língua portuguesa, é o termo que designa "repulsa contra a homossexualidade ou contra o homossexual". É comum associar-se a palavra homofobia apenas com um "ódio" ou "aversão" irracional a homossexuais, ou seja, ao discurso que lhe deu origem. Contudo, deve-se estender o conceito do termo buscando indicar que a palavra faz referência:

> (...) as situações de preconceito contra pessoas (homossexuais ou não), cujas características e expressões de gênero (gostos, vestimentas, estilos, comportamentos, etc.) não se enquadram nos modelos hegemônicos postos por tais normas (JUNQUEIRA, 2009, p. 375).

Como proposto por Guacira Lopes, "Homofobia, medo voltado contra os(as) homossexuais, pode-se expressar numa espécie de 'terror em relação à perda do gênero', ou seja, no terror de não ser mais considerado como um homem ou uma mulher 'reais' ou 'autênticos" (LOURO, 1997, p. 29). Assim, como afirma Judith Butler (1999), os corpos se definiriam a partir de normas e leis que seguem o paradigma heteronormativo, e obedeceriam a um padrão binário de homem e mulher. Consequentemente, aqueles que não se encaixam nessas normas pautadas pela sociedade heterossexual teriam menos importância no contexto social, sendo vistos como indignos para se considerar "normais".

Consecutivamente, deve-se enfatizar as especificidades em que é remodelado esse "terror" reportando-se às lésbicas, bissexuais e às pessoas transexuais e travestis, fazendo-se concordância com aqueles que tem preferência pelos termos "lesbofobia", "bifobia" e "transfobia", procurando "destacar as singularidades de cada violência" (BENTO, 2017, p. 552), uma vez que se busca aqui dar visibilidade a essas especificidades, aproveitando a ideia trazida, para dar destaque a todas as letras que representam o LGBTQIA+, recorrendo sempre a termos que busquem respeitar a individualidade de cada um dos grupos que tornam os LGBTQIA+ uma comunidade tão diversificada, tal como transexualidade, travestilidade, bissexualidade, etc.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A homossexualidade, ao longo da história, vem sendo alvo de múltiplos ataques, que tiveram início principalmente nos discursos religiosos que pregavam a "sodomia" como um pecado perante deus, se sucedendo no discurso científico quando as relações homoeróticas começaram a constituir os estudos de medicina, psicanalise e genética que as colocavam como uma patologia da qual se deveria buscar a cura. Posto isto, é possível afirmar que no decorrer de muitos séculos aqueles que se identificavam com a homoafetividade sofreram intensamente, seja diante das medidas sádicas acatadas pela igreja para punir os desvios sexuais pecaminosos, ou dentro das clínicas psiquiátricas que buscavam a todo custo tratar os comportamentos sexuais desviantes do que era imposto como normal. Com tudo isso, salienta-se que foi principalmente nas décadas de 1970 e 1980 que os LGBTQIA+ começaram a lutar pelos seus direitos, conseguindo em meados da década de 1990 os primeiros resultados de uma árdua luta por reconhecimento e respeito que dura até os dias atuais.

Logo, se deve destacar que a libertação dos estigmas que foram socialmente construídos ao longo dos séculos compõe a batalha da comunidade LGBTQIA+, havendo por parte deste segmento uma constante procura por um termo representativo que fuja do discurso medicalizante e coloque as relações homoafetivas ao lado da heterossexualidade como componente da sexualidade humana. Assim, as expressões *gay*, homossexualidade, homoerotismo ou homoafetividade foram pautadas por diversos autores, que se empenharam em encontrar um vocábulo que fosse o mais respeitoso possível para os LGBTQIA+ e rompesse com os paradigmas existentes. Não é possível afirmar se há entre esses um vocábulo mais ou menos correto, uma vez que não existe consenso sobre o tema. O fato é que todos autores aqui citados refutaram o uso do termo "homossexualismo", tal como afirma Santos (2008), por se tratar de um termo discriminatório. Assim sendo, no português, provavelmente pelo fato de o sufixo *-ismo* ter sido usado pela primeira vez no âmbito médico, assim que a palavra homossexualidade passa a vigorar nos EUA durante a

década de 1970, as reprovações quanto ao uso da terminologia *-ismo* se intensificaram, justificando a atual objeção da comunidade LGBTQIA+ com esta palavra precisamente.

Devaneia-se assim, que semanticamente, o sufixo *-ismo* não penderia para o lado discriminatório, tendo origem na língua grega como terminologia de verbos de ação. Ao passo que quando incorporada a língua portuguesa, de acordo com Gianastacio (2009), a desinência ganhou seis classes relacionais ao longo do tempo, que podem dar base para várias interpretações, das quais "Doença" é apenas uma delas. Logo, quando o vocábulo é substituído em documentos oficiais, pressupõe-se que a comunidade científica usava essa terminologia para se referir a uma patologia. Assim sendo, o sentido pejorativo que a palavra assume não se encontra propriamente no sufixo *-ismo,* e sim, na historicidade que a palavra adquiriu, fazendo emanar diversos sentidos negativos para um segmento populacional que necessita lutar por direitos básicos que ainda hoje lhes são negados. Percebendo mais ainda a simbologia existente acerca do termo, quando se verifica que os sujeitos que reproduzem a palavra de forma proposital o fazem de modo a acentuar o sentido ofensivo que a expressão receberia. Podendo ser percebida uma disputa de poder, entre pessoas LGBTQIA+ e pessoas que são contrárias a homossexualidade.

Portanto, é válido pautar o pensamento de Michel Pêcheux (1975), de que por mais racional que seja um discurso, ele nunca é neutro. Assim, fazer uso do termo homossexualismo, tendo em mente a historicidade por trás da palavra, se faz insultuoso, levando-se em consideração a luta vivida pela comunidade LGBTQIA+ para fugir do discurso médico que ao longo da história os estigmatizou causando-lhes muito sofrimento. Dessa forma, há sim, várias pessoas que fazem uso do termo sem intenção de ofender, por puro esquecimento ou desconhecimento, sendo altamente válido por parte dos lúcidos em referência a temática usar as oportunidades para fazer objeções quanto ao vocábulo. E por mais que o preconceito não esteja no sufixo usado, enfatizando que as impugnações contra a desinência não irão erradicá-lo, ao deixar evidente os motivos pelos quais a palavra é indevida, quem o faz cumpre o papel de informar pessoas que por diversos motivos não tiveram acesso a tal conhecimento.

Por fim, pode-se ressaltar que, como seu predecessor, o termo que caracteriza o preconceito, ou seja "homofobia", também busca a fuga do discurso clínico, evidenciando uma constante dedicação dos LGBTQIA+ em se libertar de qualquer discurso ultrajante e que possa depreciá-los perante a sociedade. Isso evoca a ideia de que as palavras, por si só, contam histórias, carregam discursos e tem o poder de disseminar informações.

Desta forma, aponta-se o fato de que "com ajuda de pessoas homofóbicas, a ideia da homossexualidade enquanto doença será um rastro, um fantasma [...] que impede direitos e que tenta silenciar/interditar a sexualidade" (MOURA, 2018, p. 109). Fazendo-se ponderar sobre a necessidade de se usar todas as armas disponíveis nessa contínua disputa pelo sentido, até que finalmente a ideia da homossexualidade como doença seja vista pelas

gerações futuras como perspectiva inaceitável, e a intolerância seja tão condenável quanto a homossexualidade foi no passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABGLT. **Manual de comunicação LGBT**: lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Curitiba: Ajir Artes Gráficas e Editora, 2009.

ANDRADE, L. A. T. **A homossexualidade masculina nas religiões de matrizes africanas.** TCC (especialização) – Programa de pós-graduação em Ciências da Religião, Especialização – Religiões e religiosidades afro-brasileiras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/11021/1/luizantonioteixeiradeandrade.pdf. Acesso em: 14 jan. 2023.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. Brasiliense, 2017.

BORRILLO, Daniel. **A homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte, Autentica, [2000] 2010.

BOURDIEU. Pierre. PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2014.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivo do "sexo". *In*: LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, Jurandir F. **A inocência e o vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1992.

COSTA, Wellington S. Discriminação e violência contra pessoas LGBTQIA+: relatório da pesquisa. **Legalis Scientia**, Santos, 170-177. Disponível em: https://periodicosunimes.unimesvirtual.com.br/index.php/direito/article/view/1438. Acesso em: 17 jan. 2023.

DE OLIVEIRA JÚNIOR, Isaias Batista; MAIO, Eliane Rose. **Opção ou orientação sexual**: onde reside a homossexualidade?. III Simpósio Internacional de Educação, Maringá**,** 2013. Disponível em: http://www.sies.uem.br/anais/pdf/diversidade_sexual/3-02.pdf. Acesso em: 18 jan. 2023.

FIGUEIREDO, E.. Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler. **Revista Criação & Crítica**, n. 20, p. 40-55, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A história da Sexualidade I**: a vontade de saber. 22. edição, São Paulo, Graal, [1976] 2012.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France, (1975- 1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GIANASTACIO, Vanderlei. **A presença do sufixo -ismo nas gramáticas da língua portuguesa e sua abrangência dos valores semânticos, a partir do Dicionário de Língua Portuguesa Antônio Houaiss**. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, 2009.

GIANASTACIO, Vanderlei. **O Sufixo -Ismo na História da Gramáticas da Língua Portuguesa e sua produtividade a partir do dicionário de Língua portuguesa Antônio Houaiss.** São Paulo, p. 1-18, 2008. Disponível em: http://www.usp.br/gmhp/publ/GiaA1.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

GIAMI. Alain. A medicalização da Sexualidade. Foucault e Lantéri-Laura: história da medicina ou história da sexualidade? **PHYSIS**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 15, p. 259-284, 2005. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-73312005000200005. Acesso em: 19 ago. 2021.

JUNQUEIRA, R. D. (Org). **Diversidade na educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/UNESCO, 2009.

CINTRA, Lindley; CUNHA, Celso. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Lexikon, 2007.

LOURO, G. L. (Org). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2007.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis: Vozes, 1997.

SÁ MARTINO, Luís Mauro; SALGUEIRO MARQUES, Ângela Cristina. Violência simbólica, sociedade do desempenho e vivências da alteridade: aproximações entre leituras de Han e Bourdieu. **Trayectorias Humanas Trascontinentales**, n. 14, 2022.

MISKOLCI; CAMPANA. Richard & Maximiliano. Ideologia de Gênero: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n.3, p.725-747, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/se/a/Ns5kmRtMcSXDY78j9L8fMFL/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

MOURA, Jonathan Ribeiro Farias. Da morfologia ao discurso: O caso do sufixo -ismo para denominar práticas homossexuais. **Revista Ribanceira**, Belém, n. 15, p. 99-111, 2018. Disponível em: https://periodicos.uepa.br/index.php/ribanceira/article/view/2139#:~:text=Este%20trabalho%20faz%20uma%20an%C3%A1lise,patologia%20que%20esse%20mecanismo%20apresenta. Acesso em: 20 jul. 2021.

MOTT, L. Os homossexuais: as vítimas principais da violência. *In*: VELHO, G.; ALVITO, M. **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

OLIVEIRA, Tais Leal. **Teoria Queer e estigma**: a construção de performances homoafetivas em narrativas de histórias de vida. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP. Ed: Unicamp. 4ª edição, [1975] 2009.

PRESTES; VIANNA. Érica A. & Túlio. **História da criminalização da homossexualidade no Brasil**: da Sodomia ao homossexualismo. Belo Horizonte, editora PUC MINAS, p.313-392, 2007. Disponível em: https://vetustup.files.wordpress.com/2013/05/historia-da-criminalizacao-da-homossexualidade-no-brasil-da-sodomia-ao-homossexualismo-tc3balio-l-vianna.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

RODRIGUES, Nuno Simões. Sodoma e Gomorra em Pompeios. **Arys**, Lisboa, n. 10, p. 259-274, 2012. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/38204/1/Sodoma_e_Gomorra_em_Pompeios.pdf.

Acesso em: 20 jul. 2021.

SANTOS, D. B. **Cultura Política Homoerótica entre a Grécia antiga e a (Pós)Modernidade**: Cientificismo, Literatura e Historiografia. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

SANTOS, Izaac Azevedo. **Narrativas de um adolescente Homoerótico**: Conflitos do 'eu' na rede de relações sociais da infância à adolescência. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008.

SCHULMAN, Michael. Assexuados, bichas & cia: a nova geração gay nas universidades dos EUA. Tradução: Clara Alain. Texto originalmente publicado no jornal "The New York Times". Folha de S. Paulo. São Paulo, 17 de fev. de 2013. Seção Comportamento, s/p. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/94158-assexuados-bichas-ampcia.shtml. Acesso em: 20 jan. 2023.

SILVA, A. N. N. **A questão da identidade homossexual e sua influência nos padrões de consumo**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ, 2001.

TAQUES, Fernando José. **Reconhecimento e Identidade**: Tensões no Movimento GLBT. *In*: II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia, Florianópolis, 2007.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4ª edição, São Paulo, Objetiva, 2018.

Recebido em 09/11/2022
Aceito em 06/02/2023